

Manuel Amado (1938-2018)

O Quarto de Fernando Pessoa I, II, III

1993

Óleo s/ tela

Mariana Pinto dos Santos

Mariana Pinto dos Santos é historiadora de arte e curadora independente. É investigadora e subdirectora do Instituto de História da Arte e professora no Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH). O seu trabalho centra-se na modernidade e nos modernismos, na circulação da vanguarda, na historiografia e teoria da arte, na relação entre estética e política no século XX, e baseia-se em perspectivas críticas e transdisciplinares da história da arte. Coordena o Centro de Estudos e Documentação Almada Negreiros - Sarah Affonso na NOVA FCSH. Foi curadora, entre outras, das exposições *José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2017), *Manuel Amado — Pintura sem Álibi* (Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2020), *Problemas do Primitivismo — a partir de Portugal*, com Marta Mestre (CIAJG, Guimarães, 2024), *Neorrealismos, ou a politização da arte em Júlio Pomar*, com Afonso Dias Ramos (Atelier-Museu Júlio Pomar, 2025). Presentemente é editora coordenadora de *A Cultural History of the Avant-Garde in the Iberian Peninsula: A Companion* (Brill), 4 volumes, em preparação. Para além disso, fundou com Rui Miguel Ribeiro a editora Saguão em 2017, que desde então edita pouco, mas bem.

Ecoss do Acervo

A Casa Fernando Pessoa preserva mais do que memórias: guarda uma relevante coleção de arte relacionada com Pessoa, a escrita ou a poesia.

Neste programa, o acervo sai das reservas e torna-se matéria viva, convidando a conhecer cada obra pelo olhar de escritores, críticos e historiadores.

“
*O que me
interessa é o
que se vê de
longe, o espaço,
o tempo não.*
”

Manuel Amado,
entrevistado por Marta Ferreira dos Reis,
Jornal Público, 15 de Novembro de 2007

casafernandopessoa.pt

Ecoss do Acervo

Manuel Amado

*O Quarto
de Fernando
Pessoa I, II, III*

27 OUT'26 a 7 FEV'27



Casa
Fernando
Pessoa

MUSEU DE LITERATURA



O Quarto de Fernando Pessoa

Mariana Pinto dos Santos

Manuel Amado (1938-2018) partilhou a data de nascimento com o poeta Fernando Pessoa, 13 de Junho, nascendo três anos depois da sua morte. Pintou esta série de três quadros a óleo em 1993, ano em que foi inaugurada a Casa Fernando Pessoa. Foram logo expostos na abertura e constituem as obras inaugurais do acervo do museu.

As três telas mostram aparentemente o mesmo espaço em três momentos diferentes do dia: o interior de um quarto em tons de amarelo com poucos móveis e uma janela sempre aberta através da qual se vê o prédio em frente de fachada rosa.

No primeiro, os rectângulos de sol projectam-se no chão interior enquanto a fachada em frente permanece na sombra fria das primeiras horas da manhã. A porta está aberta. No segundo, a fachada do prédio em frente está já iluminada, mas nela recortam-se as sombras dos edifícios em frente, incluindo aquele onde fica o quarto que nos enforma a perspectiva. Em contrapartida o quarto deixa de ter luz directa e o que vemos projectado no chão são os reflexos do sol que incide nas janelas do prédio em frente. Finalmente no terceiro o quarto é iluminado pela luz do candeeiro na pequena estante, moldada pelo *abat-jour*, intensificando os amarelos. Do outro lado da rua (a rua que deduzimos, mas não vemos), a janela do primeiro andar está iluminada.

A orientação da luz corresponde à que se experiencia ao longo do dia na Rua Coelho da Rocha. A vista do quarto permite também deduzir que se trata de um primeiro andar, perto do nível da rua, o que nos leva a crer que Manuel Amado pintou o quarto de Fernando Pessoa na sua última morada, o primeiro andar direito da Rua Coelho da Rocha, nº 16, na qual o poeta viveu os seus últimos quinze anos, acolhido pela família depois de muitas outras moradas. Sabemos, no entanto, que o quarto onde dormia era interior, sem janelas e muito pequeno, pouco mais cabendo nele do que a cama e a famosa arca onde

guardava os seus manuscritos. Por isso, este quarto de Fernando Pessoa poderá antes corresponder àquele onde trabalhava e tinha a sua estante com a biblioteca, e que ficava noutro ponto da casa. Esse sim, tinha uma janela para a Rua Coelho da Rocha. Contudo, a estante representada por Manuel Amado com um candeeiro em cima é pequena, não corresponde à estante que conhecemos de Pessoa e que está hoje na sua casa-museu. Se esta estante se afasta do desejo de verosimilhança, outros itens oferecem um reconhecimento. Numa cadeira num canto à direita estão pousados um chapéu e um casaco ou gabardina cinzenta, sinais identitários do poeta, pois o chapéu tornou-se-lhe atributo quase indissociável depois da iconização da sua imagem pelo amigo e pintor José de Almada Negreiros. Já a gabardina cinzenta, é vestida por Pessoa em algumas das poucas fotografias que existem suas, não sabendo nós se era cinzenta de facto, ou se apenas assim a fixámos por causa do preto e branco das imagens da época.

Manuel Amado formou-se em arquitectura, mas desde cedo se dedicou também à pintura, que abraçou em exclusividade a partir de 1987. Nas suas telas é o espaço o protagonista, sobrepondo-se enquanto assunto a qualquer representação humana. O artista explicou isso mesmo numa entrevista: «a personagem [humana] introduziria o factor tempo, que é uma coisa que não me interessa. O que me interessa é o que se vê de longe, o espaço, o tempo não.»¹ O espaço das suas pinturas é definido por rodapés, janelas, molduras, móveis, objectos, e sobretudo pela luz e a projecção de sombras e reflexos que moldam o lugar que escolheu pintar.

Apesar de a pintura de Manuel Amado ser considerada realista, as suas obras tratam na verdade de uma relação com a memória de lugares, reais ou imaginários, ou reais que se tornam imaginários no exercício de rememoração e fixação na tela. Na memória ocorrem duas coisas. Primeiro, o tempo torna-se difuso, misturado, e por vezes os lugares saltam-nos como uma visão do passado que emerge no presente. É nesse sentido, em que

o passado se presentifica na tela, que o tempo se suspende nas obras de Manuel Amado. Por outro lado, o tempo está lá: as sombras assim nos dizem, mostrando que o instante captado pelo pintor foi a uma determinada hora do dia. Segundo, na memória há sempre uma representação, e não a coisa em si, que é inalcançável, irrepetível — e por isso, há sempre um teatro, uma encenação de memória, um espaço que ao ser ficcionado se liberta do tempo.

Poderíamos ver nestas telas a memória de um quarto de Fernando Pessoa, a tentativa de captar o silêncio desse quarto vazio que aguarda um poeta que não pode estar longe, porque o seu chapéu e gabardina estão ali à sua espera. O tempo está fixado em cada uma delas, mas se as virmos em sequência não é assim; de uma para a outra o tempo avança e o poeta não chega. Manhã, tarde e noite sucedem-se sem que o espaço se perturbe. Porém, há sugestão de presenças. Por exemplo, a porta do prédio em frente estava aberta de manhã, mas fechada à tarde e à noite: alguém passou por ali. E as luzes acesas tanto da janela em frente como a do próprio candeeiro do quarto indicam uma hipótese de personagens a habitar estes quartos. Por outro lado, será que há mesmo continuidade de leitura? Serão as telas sempre o mesmo espaço? Se atentarmos nos livros na estante, têm mudanças subtis. Então talvez este quarto não seja sempre o mesmo, ou de cada vez que é recordado torna-se noutro quarto, ou ainda o tempo que passa de uma representação para outra é muito mais do que o decurso de um dia da manhã à noite, mas um tempo em que os livros na estante possam mudar, talvez muitos anos. Ou finalmente, não é importante que os livros tenham pequenas diferenças de tela para tela, porque o realismo aqui não é importante se o quarto é um palco ficcionado indefinidamente à espera que uma hipótese de poeta o habite, de que Pessoa com os seus heterónimos é o símbolo máximo.

Apesar de abrir um espaço ficcional na parede da Casa Fernando Pessoa, este quarto é um lugar tão inacessível como a rua para onde dá, como dizem os versos do poema *Tabacaria*, do heterónimo Álvaro de Campos: «janelas do meu quarto, | [...] Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente, | para uma rua inacessível a todos os pensamentos [...]».

¹ Marta Ferreira dos Reis, «Entrevista a Manuel Amado: "As pessoas são feitas daquilo que vão vendo"», *Público — Ípsilon*, 15 de Novembro de 2007.